



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes
Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura
International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de
Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

NARRATIVIDADE E SACRALIZAÇÃO DO ROMANCE D'A PEDRA DO REINO

Suelma de Souza Moraes

Universidade Federal da Paraíba
Campus I - Lot. Cidade Universitaria, PB, 58051-900, Brasil
+55 83 3216-7200 | suelmamoraes@gmail.com

Resumo

Tempo e Narrativa de Paul Ricœur é a nossa referência para investigarmos a narratividade e a sacralização do espaço na obra Ariano Suassuna, *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. O diálogo entre o ocidente-oriente estabelece-se através da interação das culturas, ibérica e africana, atribuída aos mouros, num espaço geográfico de conflitos com os cristãos e de busca de mediações da memória desde o séc. XVI com a forte presença de Portugal, desde logo através do sebastianismo no nordeste brasileiro. Propomos duas vias: a primeira procura habitar a memória, espaço e tempo, de que maneira as situações emblemáticas instigam à reflexão na reconstrução e desdobramentos das culturas. A segunda visa refletir sobre os espaços sociais-religiosos da teia de relações com o espaço nas trocas de interações fronteiriças.

Palavras-chave: Narratividade, Cultura, Memória, Territorialidade, Sacralização

Abstract

Paul Ricœur's *Time and Narrative* is our framework to investigate the narrativity and the sacralization of space in Ariano Suassuna, *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. The dialogue between the East-West is made with the interaction of Iberian and African cultures, attributed to the Moors, in a geographical space of conflict with Christians, and the search for memory mediations since the 16th century, with the strong presence of Portugal, namely represented by the "Sebastianismo" of the Brazilian northeast. We propose two ways: the first aims to inhabit memory, space and time, and in what way emblematic situations encourage reflection in the reconstruction and unfolding of cultures. The second one, to reflect on the social-religious spaces of the web of relations with space in the exchange of frontier interactions.

Keyword: Narrativity, Culture, Memory, Territoriality, Sacralization

Nascido em João Pessoa, em 1927, no Palácio da Redenção, Ariano Suassuna era filho do governador do Estado, João Suassuna. Em 1928, findo o mandato do pai, a família se retirou para a sua fazenda, no sertão da Paraíba. Em 1930, seu pai, deputado federal na ocasião, foi morto a tiro no Rio de Janeiro por um assassino de aluguel, a mando de inimigos políticos. O assassino foi preso, mas pouco tempo depois solto; novamente preso, condenado a quatro anos de prisão, foi liberto dois anos depois¹. A família de Ariano, após o assassinato do pai, desloca-se constantemente, para fugir da sanha de inimigos políticos. Em 1932, uma seca intensa se abateu sobre a região da fazenda e a família perdeu quase todo o gado. Em 1933, ainda perseguidos, mudaram para Taperoá, no Cariri, passando temporadas longas na fazenda dos tios maternos. A fazenda que tinham acabou sendo vendida, em razão das dificuldades econômicas. Finalmente, em 1942, a família toda muda-se para o Recife e alguma estabilidade parece adquirir.

Ariano, entretanto, ampliava suas leituras de clássicos e da literatura de cordel. Desde criança é um amante da leitura. Lê Euclides da Cunha, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, José Lins do Rego. Estuda música erudita e pintura. Em 1945, ainda cursando o colegial, publica seu primeiro poema no *Jornal do Comércio*. Em 1946, ingressa no curso de Direito de Recife e conhece um grupo de escritores, autores de teatro, atores e artistas plásticos, participando da criação do Teatro do Estudante de Pernambuco. Descobre a obra de Lorca e, sob sua inspiração, publica na revista *Estudantes*, da Faculdade de Direito, poemas que recuperam temas da tradição popular nordestina. Nos seus poemas estabelece laços entre o erudito e o popular. Em 1947, escreve *Uma mulher vestida de sol*, sua primeira peça de teatro. Conhece então Zélia de Lima, que se torna sua esposa, figura importante na sua vida que lhe atenua a sua tragicidade. Em 1950, seu *Auto de São João da Cruz* recebeu um prêmio da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco. Sucedem-se peças de teatros, e mais prêmios pelas suas obras: o do IV Centenário de São Paulo, em 1954; o da Associação Brasileira de Críticos Teatrais e, em São Paulo, o Prêmio Vânia Santos, em 1956... Em 9 de outubro de 1970, no Recife, termina o *Romance d'A Pedra do Reino*. Em 18 de outubro é lançado o Movimento Armorial,

¹ Sobre a importância de algumas questões biográficas na obra de Suassuna, cf. Ester Suassuna SIMÕES, "Questões de morte, luto e herança em 'Vida Nova Brasileira' de Ariano Suassuna", *Revista Garrafa*. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018, pp. 294-308, *online*.

idealizado por Suassuna, em busca de uma arte erudita brasileira a partir de elementos da cultura popular, que terá grande importância como eixo norteador da cultura no Brasil.²

A história trágica da morte de João Suassuna, pai de Ariano, e a infância difícil que se lhe seguiu inscreveram na obra de Ariano Suassuna uma espécie de luto inacabado e, ao mesmo tempo, fizeram da sua literatura uma tentativa de transcender a dor e a morte pela poesia, arte, literatura³. Na obra *Vivo até a morte* de Paul Ricœur (2012), somos colocados perante uma idêntica busca pela arte de viver, da poética e da tragédia da vida, uma semelhante “poética da vontade”⁴, em que a imaginação do desejo humano, posta em questão, é confrontada com os seus opositores, passando do sentimento ao discurso, e depois, ultrapassando a esfera do discurso, da teoria à ação. Refletir sobre a literatura de Ariano Suassuna sob a hermenêutica de Paul Ricœur, impulsiona-nos, por um lado, a voltar o olhar para o “nós”, para o “eu e tu” nas relações ao longo da vida, como um desafio, a satisfação de uma necessidade de não esquecer as origens, a genealogia, e por outro, a pensar nos cenários que poderíamos criar, no presente e no futuro, para esses ambientes que persistem em nós, considerando a alteridade que é própria a cada um, expressa e experimentada por meio da linguagem, na tentativa que o próprio faz de compreender-se a si mesmo. Porque também Ariano Suassuna inscreve na escrita dos seus romances, nomeadamente em *Romance d’A Pedra do Reino*, uma tensão enigmática, não explícita, em que ao mesmo tempo se mostra a natureza humana dominada pelo luto presente, pela esperança inacabada de um devir, e pela memória de um paraíso perdido, numa constante hermenêutica.

Contexto da narratividade no *Romance d’A Pedra do Reino*

² Cf. *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, 16.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 775. Devido à extensão do nome da obra usaremos a sua abreviatura nas citações (RPR).

³ Cf. Ester Suassuna SIMÕES, *Op. cit.*, 2018.

⁴ Quando menciono esta poética da vida, faço um paralelismo explícito com a poética da vontade de Paul Ricœur, que o autor entende como um pensamento inacabado, considerado por ele um projeto ambicioso. A reflexão sobre a difícil relação da escrita com a presença do mal, a que já tinha dado início na obra *Do texto à ação – Ensaio hermenêutico II – A imaginação no discurso e na ação* (RICŒUR, 1982) compreender-se depois quando inscrita numa poética da vontade, e a sua discussão é transversal em muitas das suas obras, como por exemplo, na *Filosofia da vontade 1, O voluntário e o involuntário; Filosofia da Vontade 2, Finitude e Culpabilidade 2*, ou *A simbólica do mal*.

O *Romance d'A Pedra do Reino* sintetiza história e ficção, meditação filosófica e religiosa, autobiografia e criação literária, crítica e historiografia, bem como, conforme assinala Raquel de Queiroz (RPR, 2017, 25), vários gêneros literários: romance, crônica, epopeia, romance erótico, romance de cavalaria e conto fantástico. A obra é narrada na primeira pessoa, na figura de Dom Pedro Diniz Quaderna. O romance se estrutura numa dialética que configura um mundo feito de intertextualidades e interdiscursividades no modo de descrever, narrar e prescrever. O romance é escrito sob a forma de folhetos encadeados, construindo uma grande trama enigmática em que o mito domina, sob a luz do homem-do-cavalo-branco, metamorfose do mito de Dom Sebastião na Pedra do Reino. Complexo e melodramático, ele assim se anuncia:

“Romance-enigmático de crime e sangue, no qual aparece o misterioso Rapaz-do-Cavalo-Branco. A emboscada do Lajedo sertanejo. Notícia da Pedra do Reino, com seu Castelo enigmático, cheio de sentidos ocultos! Primeiras indicações sobre os três irmãos sertanejos, Arésio, Silvestre e Sinésio! Como seu Pai foi morto por cruéis e desconhecidos assassinos, que degolaram o velho Rei e raptaram o mais moço dos jovens Príncipes, sepultando-o numa Masmorra onde ele penou durante dois anos! Caçadas e expedições heroicas nas serras do Sertão! Aparições assombratícias e proféticas! Intrigas, presepadas, combates e aventuras nas Caatingas! Enigma, ódio, calúnia, amor, batalhas, sensualidade e morte!” (RPR, 2017, 31)

Ariano Suassuna, desenvolve desde logo os primeiros encadeamentos da intriga, com o depoimento de Dom Pedro Diniz Quaderna, em que não deixam de coexistir a imaginação da intriga e alusões à vida de Ariano Suassuna. É a partir desta intersecção que se abrem várias possibilidades hermenêuticas, e se torna desafiadora a ficção, pois ela emerge de um campo da história, provocando reflexões críticas, o mesmo sucedendo em sentido recíproco, pois a ficção parece também subsidiar a história com algumas inventividades, afirmando se esse cruzamento como prerrogativa cultural e transcultural.

Desta maneira, esta obra não é possível compreender sem os seus diálogos, de sujeitos com a sua alteridade, pois sempre estará em jogo, o diverso de si e a estima a si mesmo, diante da mesma solicitude da vida. O que nos é proposto é uma constante reflexão de análise crítica consigo mesmo e com o Outro no caminho do decifrador de enigmas. A dialética é o percurso para apontar para os

desafios identitários ideológicos, que se apresentam na tessitura de seu romance, reconfigurando aspectos históricos e ao mesmo tempo dando sentido universal à realidade, validada pela trama da ficção literária. O sentido deve ser buscado por cada um, já que estamos condenados a decifrar a imensidão do real, existente e imaginado, passado, presente e futuro:

“A Sentença já foi proferida. Saia de casa e cruze a Tabuleiro pedregoso. Só lhe pertence o que por você for decifrado. Beba o Fogo na taça de pedra dos Lajedos. Registre as malhas e o pelo fulvo do Jaguar, o pelo vermelho da Suçuarana, o Cacto com seus frutos estrelados. Anote o Pássaro com sua flecha aurinegra e a Tocha incendiada das macambiras cor de sangue. Salve o que vai perecer: o Efêmero sagrado, as energias desperdiçadas, a luta sem grandeza, o Heroico assassinado em segredo, o que foi marcado de estrelas — tudo aquilo que, depois de salvo e assinalado, será para sempre e exclusivamente seu. Celebre a raça de Reis escusos, com a Coroa pingando sangue; o Cavaleiro em sua Busca errante, a Dama com as mãos ocultas, os Anjos com sua espada, e o Sol malhado do Divino com seu Gavião de ouro. Entre o Sol e os cardos, entre a pedra e a Estrela, você caminha no Inconcebível. Por isso, mesmo sem decifrá-lo, tem que cantar o enigma da Fronteira, a estranha região onde o sangue se queima aos olhos de fogo da Onça-Malhada do Divino. Faça isso, sob pena de morte! Mas sabendo, desde já, que é inútil. Quebre as cordas de prata da Viola: a Prisão já foi decretada! Colocaram grossas barras e correntes ferrujosas na Cadeia. Ergueram o Patíbulo com madeira nova e afiaram o gume do Machado. O Estigma permanece. O silêncio queima o veneno das Serpentes, e, no Campo de sono ensanguentado, arde em brasa o Sonho perdido, tentando em vão reedificar seus Dias, para sempre destroçados.” (RPR, 2017, 319, 320)

O ato de decifrar move a enunciação do sujeito, que se torna ele mesmo o enigma da narrativa. Tudo é arte de compreender-se a si mesmo. Quaderna é narrador e personagem principal que abriga várias figuras da literatura, numa mesma identidade, e se designa a si mesmo como o decifrador.

“Ora, eu, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, cognominado “O Decifrador”, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil. Por outro lado, consta da minha certidão de nascimento ter nascido eu na Vila de Taperoá.” (RPR, 2017, 65)

É nestas citações claro que a obra abriga um imaginário social messiânico e transcultural, em que a história do nordeste brasileiro reúne as várias etnias, obras fronteiriças de messianismos no espaço do sertão nordestino brasileiro.

Narratividade e o sagrado

A partir da obra de outra obra de Ricœur, *Tempo e Narrativa* (RICŒUR, 2012), podemos considerar que o *Romance d'A Pedra do Reino* tem como lugar central a memória. Trazida para a linguagem, em forma de inventividade ou convencionalidade narrativa, entrelaçando duas perspectivas, a ficção e a história, abrigando um caráter temporal da experiência humana. Em que, a memória sempre condiciona a narrativa: ocorre no ato privado de o sujeito ter presente o que experimentou e ocorre também no ato público de o sujeito ter presente o que lhe foi dado saber. Memórias privadas ou públicas ocorrem por vezes sem que aja possibilidade de as distinguir. A testemunha diz: "Eu estava lá". E, com isto se configura a sua intencionalidade da reconfiguração de passado. Torna-se impossível distinguir História e Mito. A narrativa inicia pelo personagem Dom Pedro Diniz Quaderna na primeira pessoa "eu", narrando o aspecto sagrado da inter-relação do caos entre o humano e a própria natureza:

“DAQUI DE CIMA, no pavimento superior, pela janela gradeada da Cadeia onde estou preso, vejo os arredores da nossa indomável Vila sertaneja. O Sol treme na vista, reluzindo nas pedras mais próximas. Da terra agreste, espinhenta e pedregosa, batida pelo Sol esbraseado, parece desprender-se um sopro ardente, que tanto pode ser o arquejo de gerações e gerações de Cangaceiros, de rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos entre essas pedras selvagens, como pode ser a respiração dessa Fera estranha, a Terra — esta Onça-Parda em cujo dorso habita a Raça piolhosa dos homens. Pode ser, também, a respiração ferosa dessa outra Fera, a Divindade, Onça-Malhada que é dona da Parda, e que, há milênios, acicata a nossa Raça, puxando-a para o alto, para o Reino e para o Sol” (RPR, 2017,35)

O personagem assume um caráter declarativo da memória, o qual será confirmado por testemunhos, mas também se trata de uma história em que ele mesmo conta aos outros o que testemunhou.

O autor, Ariano Suassuna, adota, portanto, uma reflexão sob dois pressupostos na obra narrativa: por um lado, apresenta a anterioridade de uma história

entrecruzada pela ficção, por outro lado, passa a descrevê-la no discurso, e por uma operação fundamental no ato de narrar, a narrativa é identificada com a "configuração" de um processo de mediação que cria memória.

Neste ponto de partida, gostaríamos de estabelecer uma analogia, ou melhor, o que parece, à primeira vista, ser apenas uma analogia: um paralelismo simbólico entre arquitetura e narratividade, em que a arquitetura está no homem que habita o espaço do sertão nordestino, e a narratividade se inscreve sobre o tempo da arquitetura, ou seja, na metáfora do castelo ou da casa existe uma operação "configuradora" e universal, um paralelismo entre o espaço e o tempo. Por um lado, visa-se restaurar o 'Castelo Perigoso dos Quadernas' (RPR, 2017, 195) no espaço; e, por outro lado, narrar, a intriga no tempo:

"É a história que formará, um dia, o "centro trágico e nó heroico" da minha Epopeia, o alicerce de pedra e cal do meu Castelo real e sertanejo. Devo, portanto, passar a narrá-la, pelo menos em seus episódios principais. [...] a história que formará, depois do meu depoimento, o centro-enigmático do meu Romance e Castelo!" (RPR,81)

No decorrer da análise da obra, cremos que Ariano se direciona para uma crescente analogia entre a ficção e o real, para atingir um entrelaçamento da configuração arquitetônica entre o real e a memória, o espaço e o tempo. Em outras palavras, ele atravessa o espaço e o tempo por meio de uma construção narrativa geográfica e histórica, em que ela passa a ser o campo de mediação entre o ato de lembrar e criar, de rememorar. Tal é o horizonte desta investigação: o enredo, a espacialidade da narrativa e a temporalidade do ato arquitetônico pela reciprocidade, por assim dizer, do espaço-tempo em ambas direções. Neste contexto, podemos observar que Ariano, por meio do personagem Quaderna, une pelo menos três elementos para sua obra, tendo como pano de fundo os anos que prepararam a revolução de 1930 e os antagonismos políticos e sociais da época entre o Brasil colonial e o Brasil Republicano: o contexto histórico-social, a dimensão utópica do real e a ficção literária.

Para compreendermos a sacralização da Pedra do Reino é importante se reportar à prefiguração da narrativa no ato de descrever, quando Ariano utiliza fontes de episódios messiânicos no Brasil narradas pelo personagem Quaderna:

"Para narrar essa história, valer-me-ei o mais que possa das palavras de geniais escritores brasileiros, como o Comendador Francisco Benício das Chagas, o Doutor

Pereira da Costa e o Doutor Antônio Áttico de Souza Leite, todos eles Acadêmicos ou consagrados.” (RPR, 2017,65)

Os primeiros acontecimentos históricos que inspiraram a narrativa e sacralização do *Romance d’A Pedra do Reino*, estão fortemente presentes na história do messianismo no nordeste brasileiro. Haja em vista os fatos que alimentaram o imaginário social e religioso. Veja-se o início da sacralização, quando se funde o espaço geográfico com o mito do sebastianismo, considerado pelo narrador como o Castelo da Catedral encantada, perdoando-se-nos a longa transcrição:

“Castelo, da Catedral encantada que os Reis meus antepassados revelaram como pedras-angulares do nosso Império do Brasil. O genial Acadêmico sertanejo Antônio Áttico de Souza Leite, nascido ali por perto, fala delas assim, na Crônica-epopeica intitulada Memória sobre a Pedra Bonita, ou Reino Encantado, na comarca de Vila-Bela, província de Pernambuco, escrita em 1874 e apresentada em memorável sessão do “Instituto Arqueológico de Pernambuco”: “A Pedra Bonita, ou Pedra do Reino, como lhe chamam hoje, são duas pirâmides imensas de pedra maciça, de cor férrea e de forma meio quadrangular, que, surgindo do seio da terra defronte uma da outra, elevam-se sempre à mesma distância, guardando grande semelhança com as torres de uma vasta Matriz, a uma altura de 150 palmos (ou seja, 33 metros). A que fica para o lado do Nascente, em consequência de uma espécie de chuvisco prateado de que está coberta, de meia altura para cima, e que parece infiltração de malacacheta, adquiriu o nome de Pedra Bonita, em completo prejuízo da companheira. Ao Poente, e logo na extremidade da segunda pirâmide, ou Torre, há uma pequena sala meio subterrânea, a que chamavam Santuário, não só por ser o lugar onde primeiro entravam os noivos, depois de casados pelo falso Sacerdote da seita, o intitulado Frei Simão, como porque era ali que o Vaticinador, o execrável Rei João Ferreira-Quaderna, afirmava, em suas práticas, que ressuscitariam gloriosamente, com El-Rei Dom Sebastião, todas as vítimas que lhe fossem oferecidas. Ao Sul desta sala, porém próximas dela, elevam-se várias pedras grandes, sobrepostas umas às outras, as quais formam uma espécie de caramanchão abobadado. Este lugar tinha o nome de Trono, ou Púlpito, por ser dele que El-Rei Dom João Ferreira-Quaderna, inculcado Profeta, pregava a seus sectários. Cerca de 200 braças ao Norte das duas Torres, existe um Penedo colossal, cuja concavidade natural, na parte inferior, formava um grande esconderijo que, aumentado por uma profunda escavação que ali fizeram os

Sebastianistas, adquiriu proporções para comportar o número de 200 pessoas. Este lugar é conhecido pelo nome de Casa-Santa, por ser ali que o perverso e execrável Rei João Ferreira-Quaderna recolhia e embriagava os seus associados, ministrando-lhes beberagens, todas as vezes que pretendia vítimas voluntárias para o Reino.” (RPR, 2017, 69,70)

O mesmo movimento fanático da Pedra Bonita encontra-se representado literariamente em três grandes romances brasileiros: *O Reino Encantado*, de Araripe Júnior, escrito em 1878; *Pedra Bonita*, e ainda *Cangaceiros*, de José Lins do Rego, escritos em 1938 e 1953, respectivamente. O processo de escrita d’*O Romance da Pedra do Reino*, no Folheto IV, mostra bem, dentre as inúmeras possibilidades de reflexão sobre os espaços sociais, a configuração de um olhar sobre o passado devedor de uma visão de raiz medieval remanescente no Nordeste brasileiro: o messianismo e o sebastianismo. Desde a morte de Cristo e o desejo de se igualar ao Divino, de gerações de assassinos entre judeus, árabes e cristãos. Seu processo de escrita mostra a necessidade humana pelo desejo de um messianismo que necessita de sacrifícios de sangue. O Folheto IV torna claro o movimento sebastianista, quando o narrador passa a contar “a gloriosa e sangrenta ascensão dos Quadernas ao trono da Pedra do Reino no Sertão do Brasil”. Também no Folheto V, ele narra a entrada do sebastianismo no nordeste do Brasil em Pernambuco na divisa com a Paraíba do relato de Antônio Ático, da Pedra Bonita, em que as mortes e o sangue dos sacrifícios marcados pelo ritual da degolação nas pedras adquirem uma dimensão “sagrada”.

“Estes nobres senhores e belas Damas, foi um dos trechos de Crônica-epopeica que mais influência [...] havia alguma coisa de sagrado, escondida e aprisionada nas grades do granito de tudo quanto é pedra sertaneja por aí afora.” (RPR, 2017, 80)

É interessante observar que o “sagrado” se apresenta quase sempre aqui a partir da morte, do sacrifício. A pedra evoca o altar do sacrifício. Esta passagem tem uma óbvia similaridade com o primeiro sacrifício narrado nas Escrituras, quando Deus pede a Abraão o sacrifício de seu único filho. Abraão prepara o machado para matar seu filho, mas Deus impede-o então de levar a cabo o sacrifício e salva o seu filho. O mesmo Deus que pede sacrifício é o mesmo Deus que salva. De forma semelhante, podemos em RPR refletir sobre um messianismo que pede sacrifícios pressupondo a promessa de salvação para o povo.

A Pedra do Reino, estava associada as pedras e rochedos do Cariri (RPR,2017, 81), porém antes dela se chamar Pedra do Reino, já havia algumas narrativas e nomes que lhe eram atribuídos. O narrador recria o mito do sebastianismo, a partir das referências de Antonio Leite, na primeira metade do século XIX na Serra do Rodeador (1818-1820) e no sítio da Pedra Bonita (1836-1838), sertão do Pajeú de Flores (atual município de São José de Belmonte), em Pernambuco. Invertendo a sua cronologia histórica, os primeiros movimentos messiânicos são inspirados no sebastianismo. Disso dá conta o romance de Suassuna.

“O **Primeiro Império** (Folheto VI) – reinado “curto” de “Dom Silvestre I, O Rei do Rodeador”, 1819, cujo trono era “uma Pedra sertaneja, Catedral, Fortaleza e Castelo” (corresponde ao movimento da Serra do Rodeador, liderado por Silvestre José dos Santos).

O **Segundo Império** (Folheto VII) – reinado de “Dom João I, O Precursor”, 1835, mais tarde passaria a “Dom João Antônio, prior do Crato” (corresponde ao movimento liderado por João Antônio Vieira dos Santos, na comarca de Flores).

O **Terceiro Império** (Folheto VIII) – reinado de “D. João II, O Execrável”, de 1836 a 1838 (movimento da Pedra Bonita, liderado por João Ferreira).

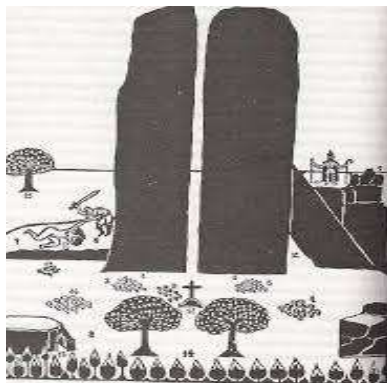
O **Quarto Império** (Folheto IX) – reinado de “somente um dia” (17 de maio de 1838) de “Dom Pedro I, O Astucioso” (corresponde à efêmera sucessão a João Ferreira, durante a “matança em Pedra Bonita, pelo cunhado Pedro Antônio).

O **Quinto Império** (Folheto X) – reinado ficcional de Quaderna, auto-intitulado “Dom Pedro IV, O Decifrador”, e que se efetivará na passagem do “século do Reino” – contexto histórico em que se desenvolve a narrativa do Romance d’A Pedra do Reino. O estabelecimento de seu reino ganha uma característica distinta, pois volta para o plano literário.” (SANTOS, 2009, p. 129, bold no original).

O Segundo Império no Folheto VII também irá se desenvolver em torno das pedras, de uma Mina encantada, segundo uma lenda de um folheto que circulava naquela região, acerca do misterioso desaparecimento de Dom Sebastião na batalha de Alcacer-Quibir, na África. Rapidamente se formam seitas, graças à ignorância da população, até que é desmascarado o embusteiro pelo padre da região e após confessar a farsa, abandona a cidade seguindo para o Sertão dos Inhamuns, no Ceará.

No Terceiro Império, no Folheto VIII, é instituído na Pedra do Reino um ritual Católico-Sertanejo: nele eram possuídas as noivas, com a explicação de “inoculá-las

com o Espírito Santo”; este Império foi de fanatismo e matança pela beberagem das plantas jurema e manacá.



Gravura de Taparica, baseada no desenho do Padre e representando as Pedras do Reino e o Terceiro Império. Vê-se, à direita, com cetro e manto, o rei, bisavô de Quaderna, à esquerda, a princesa Isabel, sendo degolada. Na frente da Pedra, temos os restos mortais dos sacrifícios ordenado pelo rei Dom João Ferreira-Quaderna, o Execrável.

Quarto Império, Folheto IX dura apenas um dia, mas segundo o narrador o dia mais horrível combate e sanguinário, atribuído à Guerra do Império do Belo Monte de Canudos.

É a partir do V Império que o romance passa a narrar mais quatro episódios do sertão da Paraíba, como a grande revolução das décadas de 1920 e 1930, na região do Nordeste e mostra os antagonismos políticos e sociais da época com duas grandes correntes ideológicas em que se dividiram os intelectuais brasileiros na década de trinta o grande debate brasileiro travava-se entre Direita e Esquerda, tendo no centro a figura emblemática Cavaleiro da Esperança do Povo do Brasil, Luís Carlos Prestes.

As narrativas que compõem o romance de Ariano Suassuna são histórias que se desenvolvem a partir do imaginário do povo nordestino e estão fixadas em seus mitos, lendas e superstições. A matéria-prima ficcional do escritor paraibano está associada ao domínio religioso. A prefiguração da narratividade é desenvolvida a partir da tessitura do Romanceiro popular, do repertório etnológico nordestino, das festas populares e das histórias ouvidas pelo autor, durante a infância.

Mas Ariano Suassuna irá entrecruzar ainda alguns elementos a sua escrita da ficção literária e configuração da história, na qual ele mostra, a partir de alguns dados históricos, o modo como se consubstanciou, numa cultura específica, o choque destes vários poderes com o poder colonial/imperial. Neste aspecto, o

romance demonstra ainda como estão presentes no Brasil as conquistas portuguesas no oriente asiático, e o modo que elas se relacionaram indiretamente com o poder imperial no Brasil.

É no quinto Império que o autor mostra como o mais intenso período colonial da história e da força colonialista teve como fruto o contexto histórico-social que identificamos com o avanço do capitalismo, mas que tem por base a prática colonial no Oriente. A escravatura negra alimentava a mão-de-obra barata, mais eficaz que a dos indígenas.

O Quinto Império era uma espécie de restauração do reino, era o mito do portentoso, que seria considerado uma nova monarquia universal, a Quinta, o V Império profetizado por Daniel, tendo agora a cabeça o reino lusitano, os impérios anteriores tinham sido o Persa, o Assírio, o Grego e o Romano, o Quinto Império seria o de Portugal, a mística de restauração viria através da obra inacabada do messianismo luso. Neste sentido, o sebastianismo fora ainda uma crença popular, que persistira sobretudo na crença simples dum Desejado que tiraria o mal do reino e varresse dele o ocupante espanhol, como sonho de libertação. Sob esta dimensão pairava também o ranço entre os povos no interior da Paraíba, a partir de uma construção de culturas pré-determinadas devido as mais variadas questões, anteriormente citadas.

A partir da alegoria do Quinto Império Ariano Suassuna tenta mostrar como estas relações também sofreram interferências e implicações ao longo da história no nordeste, justificando conflitos e guerras constantes. E, ao mesmo tempo tenta unificar as raças, e mostrar a configuração das etnias no sertão paraibano.

No final do século XIX, o país passava por muitas mudanças com a Abolição da Escravatura, em 1888, e a conseqüente implantação da República, em 1889: as diversas facções políticas se realinhavam, se reestruturavam e lutavam pelo poder com inúmeras desavenças políticas. Os Partidos Liberal e Conservador se readaptavam à nova ordem. Em 5 de agosto de 1891, foi promulgada a primeira Constituição Republicana da Paraíba, trazendo modificações nas instituições, pois as províncias haviam sido transformadas em estados, cada um com constituição própria. A reorganização política dos municípios abalou estruturas de poder consolidadas, com ameaças à oligarquia dominante. A restauração do Quinto Império estava longe de acontecer.

Considerações finais

Nosso interesse com este artigo foi lançar um olhar para os aspectos transculturais e seus segmentos entrelaçados à memória, ao espaço e tempo, a partir de uma breve exposição do entrecruzamento entre ficção e história, sagrado e profano, no *Romance d'A Pedra do reino*. Valorizar as metáforas do espaço sagrado no espaço geográfico levou-nos não só a redimensionar o homem religioso mas, ao mesmo tempo, a perceber um espaço de roturas, quebras, contradições, idiosincrasias e conflitos. No romance, existe uma concepção tensional da verdade metafórica, em que o texto literário desenvolve o problema da dimensão do sagrado e profano, a partir de uma 'verdade poética'. Neste sentido, o sagrado irá se revelar como 'Centro'. O espaço sagrado, o sertão nordestino, se configura num valor existencial e cosmogônico na obra, em que se funda a experiência vivida no limiar do sagrado e profano. Com efeito, a não-homogeneidade espacial das oposições entre o espaço sagrado e espaço profano constitui o 'eixo central' de toda a obra. Haja-a em vista, ela se manifesta como fundação ontológica, de uma realidade absoluta que se contrapõe a não-realidade.

Assim, ao referirmo-nos à história, e as ruínas da memória, não podemos considerar apenas espaços e pedras, elas são também tempos, em que se alternam a glória e a humilhação, o sagrado e profano, a vida e a morte, os eventos fundadores mais violentos e a alegria da vida. É essa grande recapitulação que encontramos aqui construída, sendo ela, além do mais, a possibilidade de ler e reler nossos lugares na vida a partir do nosso modo de viver.

Referências Bibliográficas

- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*; trad. Pola Civelli, São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. *O sagrado e profano*; trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal* – Desde os tempos mais antigos até o governo do sr. Pinheiro Azevedo. Lisboa: Palas Editores, 1977.
- RICCEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, Tomo1: A intriga e a narrativa histórica. Campinas-SP: Papirus, 1994.
- _____. *O si-mesmo-come um outro*; trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- _____. *Vivo até a morte*: seguido de Fragmentos, prefácio de Olivier Abel; posfácio Catherine Goldnstein; trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. 2.ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.
- SIMÕES, Ester Suassuna, "Questões de morte, luto e herança em 'Vida Nova Brasileira' de Ariano Suassuna", GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018, pp. 294-308. ISSN 18092586, Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/22103/12287>, acessado em 30 de julho de 2019.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 16.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.